



CURSO – MEDICINA/USP

Em Harvard, a olimpíada acabou sendo um diferencial.

Nicolas Chiu Ogassavara estudou no Etapa a partir do 5º ano do Fundamental. Ao fim do Ensino Médio, entrou direto na Pinheiros. Hoje está iniciando o Internato depois de ter passado um ano em Harvard, realizando pesquisas. Na entrevista, ele afirma que o que define sua vida é o que você aprende na escola.

Nicolas Chiu Ogassavara

JC – Quando você decidiu fazer Medicina?

Nicolas – No final do 3º ano. Meus pais são médicos, mas eu ficava muito em dúvida entre Engenharia e Medicina.

Em quais vestibulares você foi aprovado na saída do seu 3º ano em 2013?

Passei na USP, Unifesp e Unesp.

Você entrou no Etapa em que ano?

Comecei no 5º ano do Fundamental. Vim com meu primo.

Após escolher entre Engenharia e Medicina, no 3º ano, mudou alguma coisa no seu modo de estudo?

Sempre me preparei para passar na Fuvest, independentemente do curso. Eu não ia estudar menos só porque

Engenharia tinha nota menor do que Medicina. Sempre tentei dar o melhor de mim.

No colégio, além das aulas, você participou de alguma atividade extracurricular?

Desde o Ensino Fundamental participei de olimpíadas de Informática, Matemática, Linguística, Biologia e Química. Fiz mais as de Química. Fiquei o ano passado em um intercâmbio em Harvard. Quando fui fazer a entrevista com os americanos, um dos professores disse: “Vejo aqui que você fez Olimpíada de Química no colégio. Como é que foi?”. Eu tinha colocado no meu currículo muitas coisas que fiz na faculdade e deixei as Olimpíadas de Química embaixo – como um adendo. Eles levaram muito em consideração a olimpíada. Isso foi bastante surpreendente para mim porque acabou sendo um diferencial.

ENTREVISTA

Carreira – Medicina

1

SOBRE AS PALAVRAS

Tributo

5

(ENTRE PARÊNTESES)

Distribuição de letras

3

ESPECIAL

Aprovações internacionais: conheça as universidades mais disputadas do mundo

5

CONTO

Carta de um defunto rico – Lima Barreto

4

ESPECIAL

Esportes no Colégio Etapa no mês de março

8

Além das olimpíadas, havia outras atividades que você realizava?

Sim, eu gostava de fazer academia, principalmente no Ensino Médio. Gostava de correr e jogava tênis.

Qual a maior mudança que você sentiu no começo das aulas na Medicina USP?

Você sai de um ambiente no colégio onde tudo é muito estruturado, esquematizado e vai para a faculdade onde não recebe um horário das aulas, não tem sinal, não tem uma apostila, não tem exercício.

O que você teve de matérias em cada ano?

A Faculdade de Medicina mudou bastante a grade curricular. Eu sou da última turma do currículo tradicional que vigorou por mais de 30 anos. A nova grade curricular tem uma estrutura mais integrada. Na minha grade, eles dividiam os seis anos do curso em blocos de dois anos. Os dois primeiros eram o ciclo básico, o 3º e o 4º ano eram o ciclo clínico e os dois últimos anos, o ciclo médico, o Internato. No ciclo básico, eu passava a maior parte do tempo na Cidade Universitária, no Instituto de Ciências Biomédicas, no Instituto de Biologia, no Instituto de Química. Tínhamos aula de Bioquímica, Farmacologia, Fisiologia de Membranas, Anatomia, Genética. No ciclo básico, aprendia como funciona normalmente o organismo do ser humano, para poder compreender as patologias que eram estudadas mais no 3º e no 4º ano.

Na Pinheiros, de quais atividades você participou nos primeiros anos?

Fiz muitas coisas. No 1º ano, entrei na Medicina Júnior, que é uma empresa de gestão. Na Atlética, fiz diversos esportes, mas foquei mais na natação. E entrei em várias ligas. Liga de Oftalmologia, Liga da Endocrinologia, Liga de Obesidade, Liga de Geriatria, Liga de Anestesiologia, Liga da Oncologia. Participei também de expedições. A faculdade tem dois tipos de expedições, uma clínica e outra cirúrgica, que vão para cidades e fazem campanhas de promoção da saúde.

É a Bandeira Científica?

É a Bandeira Científica da Clínica e a Bandeira Cirúrgica. A Clínica faz atendimentos, a Cirúrgica faz intervenções de baixa complexidade. No meu 3º ano, em 2016, foram para Bandeirantes, no Paraná, durante uma semana, duas equipes, da Ginecologia e da Gastro. Foram feitas muitas cirurgias de hérnia, de vesícula, de incontinência. Fui mais para a parte cirúrgica, tinha interesse nessa parte. Agora as bandeiras foram unidas.

Como é o nome atual?

Expedição Cirúrgica.

Como foi sua participação?

A gente acaba instrumentando e ajudando na recuperação da cirurgia. Foi uma experiência conhecer o ambiente diferente de um hospital no interior do Brasil. Muito legal essa visão de um país muito diverso.

O seu intercâmbio em Harvard foi o único que fez?

No 3º ano, fiz intercâmbio na Holanda, na Universidade de Groningen, por duas semanas.

E como foi seu intercâmbio em Harvard?

Fiquei 2018 inteiro em Boston. Fui para a escola de Saúde Pública. A Pinheiros manda uns 15 alunos para Harvard, que fazem principalmente a parte de pesquisa básica, em laboratórios. Pesquisas com células, investigação molecular, em bancadas, não são pesquisas clínicas com pacientes.

Você teve bolsa na Holanda e em Harvard?

Tive. Antigamente, o aporte era do Ciência sem Fronteiras, mas no ano passado não tinha mais. Então eles conseguiram apoio do Santander e da Fundação Lemann. O Hospital Sírio-Libanês também ajudou.

Esse ano em Boston conta como crédito para a faculdade?

Nesse caso, não. Esse intercâmbio é de pesquisa, não de aulas. Existem outros intercâmbios, com estágios clínicos, que podem contar créditos.

Como você avalia o período em que ficou fazendo pesquisa em Boston, em comparação com o que vê na Pinheiros?

Eu acho que no Brasil tem muitas pessoas qualificadas para fazer pesquisa. Uma diferença nos Estados Unidos é que eles têm mais recursos. As linhas de pesquisa são muito parecidas, o Brasil está bastante antenado nas novidades. Só que muitas vezes faltam recursos do governo e da iniciativa privada. Essa talvez seja a grande diferença.

Na Pinheiros, você fez pesquisa?

No 3º e 4º anos, eu fiz Iniciação Científica na Cirurgia, em dois departamentos: Medicina Preventiva e Cirurgia Pré-Digestiva. O foco da pesquisa era avaliar pacientes obesos para indicação à cirurgia bariátrica. Acompanhamos pacientes que tinham sido operados e descrevemos o perfil deles. Apresentei esse projeto ao Cremesp e ganhei o 1º lugar e uma bolsa.

Você está no 5º ano, o primeiro de Internato e tem contato direto com pacientes. Teve esse contato nos anos anteriores da graduação?

No novo currículo, o contato com o paciente ocorre já no 1º ano. Na minha graduação, o contato maior foi no 2º ano. Nas ligas havia contato.

Existe espaço no Internato para fazer estágio em outros hospitais?

No Internato, você pode, nos últimos meses do ano, fazer estágio em outro hospital, em uma área em que tenha interesse. Esse estágio seletivo não está na grade obrigatória, é uma das propostas do novo currículo.

A faculdade prepara o estudante para o lado humano da Medicina, no contato com pacientes e famílias?

Sim, a faculdade tem tentado cada vez mais preparar os alunos neste lado da Medicina. Agora muito mais com situações práticas, discussões não só de questões teóricas, porque existem coisas que você não consegue aprender só na sala de aula ou nos livros.

Você já decidiu onde pretende fazer Residência?

Provavelmente no HC. Teria ainda a opção de tentar fazer Residência nos Estados Unidos ou em outro país. Eu sei como funciona o processo de validação do diploma para ir para fora, mas eu escolhi não fazer lá fora.

Do tempo do colégio, o que acabou sendo uma surpresa na faculdade?

Eu sempre gostei de quase todas as matérias. Acho que talvez uma que não apreciava tanto era Informática. Mesmo na faculdade, não usei muito. Mas no ano passado, nos Estados Unidos, fiz uma pesquisa no laboratório e depois que terminei, precisava rodar todos os dados dos experimentos no computador. Uma coisa que achei que nunca mais ia usar, acabei usando.

Há algo como um perfil para quem quer fazer Medicina?

Tem áreas para vários perfis. A Medicina tem várias áreas, não se limitando à Terapêutica. Pessoas que não gostam de uma área específica podem seguir em

outra área. Acho que o diferencial é gostar de estudar. É um curso integral, longo, são seis anos. E também gostar de trabalhar em equipe. Gostar de conversar com pessoas, com pacientes, saber lidar com coisas difíceis. Não são coisas que exigem um dom, são coisas que se aprende. Um diferencial talvez seja saber lidar com as dificuldades – tanto as que você vai encontrar na faculdade quanto as que vai encontrar depois. E cuidar também do emocional. Eles falam que a inteligência emocional é o que mais vai ser o diferencial no século 21. Mesmo na Medicina, com toda inteligência artificial, robótica e tal, as máquinas ocupando cada vez mais as áreas. Eu falo pela Medicina, que é o que conheço: tem de saber lidar com pessoas, ter empatia e resiliência, ser aberto para aprender na faculdade e na vida.

Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos atuais?

Para quem está pensando em prestar Medicina, quero falar que é difícil, não adianta se enganar, é a nota de corte mais alta. É difícil, mas não impossível. Lembro que quando passei, achei bacana que o Etapa enviou um e-mail sobre alunos que tinham passado no ano anterior. Pensei: “Nossa, essas pessoas são do mesmo colégio, tiveram aula com os mesmos professores e passaram direto também”. Sobre a questão de estudos, o Etapa tem uma estrutura muito boa, professores muito bons que estão na sala de aula para transmitir conhecimento. Para você aprender, não simplesmente fazer prova. Você está aí para aprender e isso é independente do vestibular. O vestibular não define sua vida. O que você aprende na escola é que define. Para mim foi muito legal ter essa consciência no Etapa.

(ENTRE PARÊNTESES)

Distribuição de letras

A	B	C	D	E	F

Maurício desenha um quadrado e o divide em 36 quadradinhos. Na primeira fileira, desenha as letras de A até F.

Os quadradinhos que ainda estão vazios devem ser preenchidos, de modo que nem na horizontal, nem na vertical e nem na diagonal apareça a mesma letra. Quanto às diagonais, considere cada paralela às duas diagonais que ligam os quatro cantos do quadrado.

Você deve preencher 32 quadradinhos e, para facilitar, damos uma dica: os 4 quadradinhos do meio ficam vazios. Agora, ao trabalho!

RESPOSTA

B	A	C	D	F	E
D	F	B	E	A	C
E	C			D	B
A	D			C	F
C	B	F	A	E	D
F	E	D	C	B	A